



EDIÇÃO Nº 19 JANEIRO DE 2017
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 20/10/2016
ARTIGO APROVADO ATÉ 20/12/2016

DISCURSIVIDADES CONTRADITÓRIAS EM GEOGRAFIA: GLOBALIZAÇÃO, FRONTEIRA E VIOLÊNCIA NA PERSPECTIVA DOS PROFESSORES DE GEOGRAFIA DO ENSINO MÉDIO

Roberto Ortiz Paixão - UEMS/Geografia-CG

Elody Menezes Cunha - Licenciada em Geografia

Walter Guedes da Silva - UEMS/Geografia-CG

Resumo: Este trabalho apresenta um panorama sobre a questão fronteiriça, tendo como objetivo a análise da relação entre fronteira e violência no discurso dos professores de geografia do ensino médio do estado de Mato Grosso do Sul. Para isso, foram aplicados questionários quantitativos em três grupos de docentes que atuam na rede pública estadual do estado de Mato Grosso do sul. O primeiro grupo de professores está localizado nos municípios situados diretamente na fronteira: Bela Vista e Porto Murtinho; um segundo grupo atua em municípios localizados em faixa de fronteira: Jardim e Guia Lopes da Laguna; o último grupo de professores atua na capital do Estado: Campo Grande. Como grupo amostral, foram interrogados um total de vinte professores. O resultado da pesquisa apontou um forte indicativo de associação no discurso dos professores entre fronteira e violência, bem como necessidade de se estabelecer uma política pública de ensino diferenciada para os municípios fronteiriços.

Palavras-chave: discurso, fronteira, violência, geografia.

Resumen: Este trabajo presenta un panorama sobre la cuestión fronteriza, teniendo como objetivo analizar la relación entre frontera y violencia en el discurso de los profesores de geografía de enseñanza secundaria del estado de Mato Grosso del Sur. Para ello, fueron aplicados cuestionarios cuantitativos en tres grupos de docentes que actúan en la red pública Estatal del estado de Mato Grosso del Sur. El primer grupo de profesores están ubicados en los municipios situados directamente en la frontera: Bella Vista y Porto Murtinho; un segundo grupo actúa en municipios ubicados en límite de frontera: Jardín y GuíaLópez de la Laguna; el último grupo de profesores actúa en la capital del Estado: Campo Grande. Como grupo de referencia, fueron interrogados un total de veinte profesores, cuyo resultado de la investigación demostró un fuerte indicativo de asociación en el discurso de los profesores entre frontera y violencia, bien como la necesidad de establecerse una política pública de enseñanza diferenciada para los municipios de frontera.

Palabras clave: discurso, frontera, violencia e geografia.

Introdução

As inovações tecnológicas, organizacionais, produtivas e políticas que se intensificaram após a Segunda Guerra Mundial, devem ser pensadas como novo período de organização do capitalismo mundial, com evidências de um mundo cada vez mais dinâmico, moderno e acelerado, no qual o mercado intensifica sua internacionalização e o capital parece, cada vez mais, não ter pátria, mas capaz de ditar regras ao sistema produtivo mundial, conduzindo a profundas mudanças nas relações e fluxos de pessoas, bens, serviços e mercadorias, no que ficou como globalização: fenômeno transnacional sob a égide mercadológica.

Isso trouxe novas demandas à ciência Geográfica, sobremaneira pelo reflexo desse processo global nos subespaços fronteiriços, outro tema de grande e recente debate na Geografia em variados níveis e abrangências, inclusive escolar, razão pela qual esse termo/conceito torna-se objeto desta e outras reflexões. É ponto consensual que no mundo contemporâneo o entendimento dos espaços fronteiriços requer uma melhor observação sobre como as sociedades se formam e se reproduzem, focalizando suas identidades, costumes e leis, relações de vizinhança, entre outros aspectos.

É inegável que a fronteira permeia o discurso do senso comum não raramente como regiões ou rotas de contrabando, palco de contravenção, lugar de barbárie e outros crimes. Essa imagem da fronteira muitas vezes é ratificada pela mídia, ou seja, a representação que se faz de fronteira é no mínimo um discurso contraditório, pois ao tempo em que destaca áreas como *locus* de singularidades e riquezas culturais, comerciais e representação e individualidades histórico-geográficas, também acentua o discurso de fronteira como territórios da insegurança.

Mas é preciso avançar nesse discurso, contribuindo para o melhor entendimento das fronteiras como extraterritorialidades de uma geografia plural, para além da separação entre dois países, geografando a relações de grupos culturais distintos. Neste contexto, partindo do disposto acima e entendendo que essa temática é algo inerente ao fazer geográfico eis que emerge uma inquietude e questão: como é o discurso e prática dos professores de geografia do ensino médio sobre os espaços fronteiriços no estado de Mato Grosso do Sul.

Com o propósito de uma aproximação preliminar sobre o discurso e prática dos docentes do ensino médio sobre a temática acima apontada, realizou-se uma pesquisa bibliográfica sobre o tema, bem como uma pesquisa de campo com aplicação de questionários quantitativos a professores do ensino médio nos municípios localizados no entorno imediato das fronteiras, conurbados ou semi-conurbados a municípios paraguaios, como Bela Vista e Porto Murtinho; professores em exercício nos municípios que apesar de não estarem na fronteira estão localizados na faixa de fronteira oficial, como Jardim e Guia Lopes da Laguna; além da capital Campo Grande.

Fronteiras: Conceitos e desdobramentos no cotidiano fronteiriço e educacional

Para a geógrafa Lia Machado (2001), a gênese da noção de fronteira é antiga e aponta os impérios Romano e Chinês na abordagem sobre as origens, concepção e evolução do significado de

fronteira no tempo e no espaço. Os romanos não tinham interesse em estabelecer limites nos seus domínios, mas, no entanto, criaram um sistema administrativo e defensivo de fronteira (período dos Augustos) que mais tarde evoluiu para um sentido militar, introduzindo a ideia de colonização auto-sustentada nas áreas da linha de defesa para estabilizar as fronteiras e cortar custos militares.

Para compreender a fronteira é preciso entender o discurso que é realizado sobre o tema na atualidade. As transformações mundiais do final do Século XX e início do século XXI, definidas especialmente pela internacionalização da economia, apresentam desdobramentos relevantes em vários campos, dentre os quais destacamos a presença de novas condições de localização das atividades produtivas, vinculadas ao avanço das comunicações e da informática, a ocorrência de movimentos populacionais específicos e de uma redefinição no papel do Estado.

Criadas antes para proteger do que para isolar, elas [as fronteiras] se ligam à necessidade primitiva do homem em encontrar abrigo para suas manifestações coletivas, entre as quais pode-se incluir, certamente, o desejo de saber o que se passa e o que existe do outro lado da fronteira. (MARTIN, 1992, p.88).

É necessário também ressaltar o caráter periférico que assumem as fronteiras em especial na America Latina, essas áreas, assim como muitas regiões do interior dos países, apresentam baixos níveis de desenvolvimento social, ocupação rarefeita, tendência a monoprodução e, ainda, forte dependência dos principais centros de decisão em termos comerciais, financeiros e políticos, o que os torna especialmente vulneráveis frente às mudanças decorrentes da reestruturação econômica.

Esses processos atuam em diversas escalas geográficas e mudam a perspectiva da atuação dos Estados Nacionais sobre as fronteiras, os quais passam a ter que ajustar suas políticas a essas novas dinâmicas de intensificação das interações transfronteiriças e da formação dos blocos econômicos regionais, como o Mercado Comum do Cone Sul (Mercosul).

Devido ao caráter que fronteira tem de articuladora de trocas e catalisadora de conflitos, fora do controle territorial do Estado, existe uma preocupação de que se faça coincidir a fronteira com o limite. Nesse sentido, Machado (2001) sugere que as transformações que ocorrem no interior dos territórios nacionais, que alteram a isonomia das nações, reforçam as discussões atuais em torno dos conceitos de limite e fronteira. Na visão de Oliveira (1998), as fronteiras podem ser consideradas mais do que o limite para o conjunto das atividades de uma dada sociedade, pois nelas estão contidas inúmeras relações e trocas econômicas e sociais nem sempre perceptíveis.

A fronteira emerge como um discurso atual com fortes vinculações às realidades socioespaciais dotadas de particularidades, cerceamentos e permeabilidades, o ao passo que o termo/conceito limite esta ligado a um discurso mais conectado a rigidez político-administrativa, cuja morfologia é resultado de acordos diplomáticos no decorrer de processos sócio históricos que delimitam soberanias e jurisdições, neste caso, os limites do Estado-Nação. A fronteira sé um espaço de poder e representações variadas!

Entretanto, nem fronteira e nem limite podem ser considerados estáticos, imutáveis, permanentes. Logo vemos que esses termos são passíveis de mudanças em conformidade com a evolução política dos próprios Estados. A fronteira abarca uma região não delimitada, já o limite é uma medida artificial (MIYAMOTO, 1995).

Para Buarque (1999, p. 58), fronteira e limite podem ser entendidos da seguinte forma: “Fronteira é o limite de um país ou território no extremo onde conflui com outro. Por limite, entende-se que são as extremidades das regiões que se configuram com divisores políticos entre governos e regiões, como as divisas territoriais. ”

A fronteira aparece, não raramente, em discursos como uma região de perigo ou ameaça, porque pode desenvolver interesses distintos aos do governo, mas também pode ser e é de bom tom que seja um mecanismo de integração não muito preso conceitualmente ao limite.

Nesse contexto, ainda podemos citar os conceitos de fronteira e limite, formulado por Martin (1992), quando afirma que a identificação entre eles decorre da modalidade e imprecisão cartográfica que na maior parte do tempo acompanhou o desenvolvimento das sociedades.

(...) hoje, o limite é reconhecido como linha e não pode, portanto, ser habitada, ao contrario de fronteira que, ocupando uma faixa constitui uma zona, muitas vezes bastante povoada onde os habitantes de Estados vizinhos podem desenvolver intenso intercâmbio em particular sob a forma de contrabando. (MARTIN, 1992, p. 47).

O autor lembra ainda das diferenças do cotidiano vividos de um lado e de outro de um limite, embora os dois lados do limite de uma região fronteira possam possuir estilos de vida semelhantes, a presença do Estado impõe distinções marcantes, o que contribui para um choque entre o direito de ir e vir e o intercâmbio com os vizinhos. A fronteira pode ainda ser considerada uma região onde predomina a ação do homem e só esta sujeita a mudança continua quando a ação humana lhe altera a natureza e a serventia.

Entretanto, não há como negar a carga negativa que se coloca no discurso da sociedade para as fronteiras enquanto lugar de conflitos, prática de ilícitos e regiões tidas como violentas, onde as leis nem sempre alcançam a plenitude, ficando no imaginário de muitas pessoas mais como espaço de tensões e ilegalidades do que pela sua pujança social, econômica e cultural.

Depara-se, deste modo, trata-se de um termo que agrega em seu entorno uma carga conceitual e prática bastante ampla, razão pela qual está permeado de debates, polêmicas e discursos contraditórios que carecem de esclarecimento sobre esses espaços diferenciados, ao que se entende que a educação formal deve ter um papel mais propositivo e intervencionista, já que a escola é uma instância social mediadora na aquisição do conhecimento e facilitadora na formação dos futuros cidadãos.

Neste cenário, cabe à Geografia um importante papel no sistema formal de ensino acerca do tema ora em debate, pois dentre o conjunto de conteúdos e objetos de estudo, inclui-se, inegavelmente, os espaços fronteiriços, o que impõe a esta ciência um esforço mais detido para a compreensão do mundo atual e seus mosaicos geográficos, sobremaneira contribuindo para a desmitificação de impropriedades discursivas midiáticas onde a geografia escolar tem função indispensável na formação de cidadãos mais conhecedores de suas realidades, como se propõe refletir neste texto.

Um pouco das nossas fronteiras

O Brasil é o país da América do Sul que mais possui vizinhos, fazendo fronteira com 10 países, sendo eles: Guiana, Guiana Francesa, Suriname, Venezuela, Colômbia, Peru, Bolívia, Paraguai, Argentina e Uruguai. Inclusive o Mato Grosso do Sul é um destaque nesse sentido, uma vez que faz fronteira com a Bolívia e o Paraguai.

No que se refere aos problemas nas fronteiras do Brasil, é evidente que existe o contrabando, tráfico de drogas e outras ilegalidades que são favorecidas pela extensão de nossas fronteiras e a dificuldade de fiscalizar toda essa extensão, o que contribui para a circulação de uma série de produtos ilegais.

Sobre isso, a extensa área de fronteira seca em Mato Grosso do Sul é apontada no discurso da mídia como um território marcado pelas ilegalidades nas fronteiras onde, segundo ABIDES (2009), a ligação do crime na fronteira Brasil/Paraguai tem origem no período da ditadura de Stroessner (1954-1989). Esse é um dos estados brasileiros mais afetados pela economia ilícita relacionada a crimes de

fronteira, com elevada taxa de homicídios, talvez favorecidos também pela grande presença de vias periféricas não pavimentadas.

O sério problema de segurança pública que se apresenta na região, ligados ao narcotráfico e tráfico de armas, o comércio ilegal e contrabando, afetam tanto brasileiros quanto paraguaios que vivem na fronteira. Esse mercado ilegal gera prejuízos aos cofres públicos com a evasão de divisas.

Segundo Chimenez (2010, p. 22), “Para conter problemas como o contrabando e a crescente criminalidade, o governo brasileiro cogitou a possibilidade de construção de um muro de 1,5 km, com 3m de altura e este muro estaria justaposto paralelamente ao Rio Paraná.” No auge dessa informação que repercutiu no discurso da imprensa falada, houve represálias em torno dessa construção e, com isso, essa questão foi deixada de lado.

Sobre isto, cabe a seguinte reflexão:

(...) o comércio ilícito de drogas associados às atividades de contrabando e lavagem de dinheiro constitui um exemplo padronizado. Não só porque mobilizam diversos tipos de rede. O comércio de drogas ilícitas tem caráter de atividade transnacional, opera em escala global, mas seus lucros dependem dos riscos que representam diferenças de legislação e o controle de cada estado nacional. O comércio de drogas e o comércio de dinheiro compartilham a mesma ambiguidade- a de potencializar os lucros, ao atuar de forma transnacional e ao mesmo tempo de se beneficiar das diferenças jurídico-político-econômica entre estados nacionais (MACHADO, 1998, p. 6).

A violência causada pelo narcotráfico afeta desde pequenas cidades como Mundo Novo, Coronel Sapucaia, até mesmo as grandes metrópoles brasileiras como São Paulo e Rio de Janeiro. A vulnerabilidade da região é percebida e aproveitada pelos criminosos que cada vez mais, tornam-se transnacionais e transfronteiriços, cabendo, portanto, uma reflexão mais detida sobre o fenômeno da violência e seus reflexos sobre os espaços fronteiriços.

Um discurso dentro do outro: a violência na fronteira como imagem de uma geografia

Na ótica de Michaud (1989), a violência varia de sociedade para sociedade onde cada grupo tem seu entendimento próprio acerca desse fenômeno, como decorrência dos processos culturais aos quais foram e são submetidos.

Nos anos 50 e 60 do século passado, diversos intelectuais manifestaram-se favoráveis ao exercício da violência pelas camadas populares, contra regimes ditatoriais que visavam unicamente

assegurar os interesses e privilégios de grupos dominantes, ou ainda contra a opressão colonialista de outro Estado.

A partir dos anos de 1970, uma série de acontecimentos violentos, ocorridos em todo o mundo especificamente na Europa e nos Estados Unidos, passou a preocupar os intelectuais, como algo necessário que, segundo Costa (1999), foi colocado no discurso dominante como “purificador e criativo”.

Com a chegada dos anos de 1980, os fenômenos violentos ganharam grande visibilidade com o crescimento do número de homicídios, atos de vandalismo, crimes e agressões, e uma peculiaridade que fugia as expectativas: uma parcela considerável desses atos era praticada por pessoas que não eram pobres ou excluídas às quais o discurso dominante apregoava por natureza sociológica a violência nas suas variadas formas. Outra peculiaridade: não estavam circunscritas às regiões ermas e distantes, muito menos fronteiriças, produziu ou foi produzida por novas geografias. A bem da verdade, essa violência manifestada no fim do século passado e início do presente teve um esvaziamento ideológico que, de certa forma, servia como unificador e canalizador de interesses amorfos e estabelecendo novos referenciais e identidades.

A juventude é o segmento que mais catalisa as tensões sociais como também as exterioriza, a juventude é a vitrine dos conflitos sociais (...). O processo de formação de “grupos urbanos”, constituindo uma pluralidade de turmas denominadas “galeras”, parece expressar uma maneira dos jovens se contraporem ao vazio de referente que recortam o cotidiano das grandes cidades. Eles formam verdadeiros territórios, onde a circulação é apenas permitida aos enturmados (DIÓGENES, 1998, p. 165-166).

É indiscutível a existência de um vínculo entre pobreza e violência, independentemente de ser/estar num sítio fronteiriço. Contudo, a ocorrência de atos violentos, em geral, apresenta seus maiores índices naquelas localidades onde são mais evidentes os estados de carência sócio-econômica. Segundo Velho (2000, p. 20-21), “o acesso a droga e a arma é a base desse estilo de vida, que torna possível usufruir uma pauta de bens de consumo e um prestígio que facilita entre outras coisas, o sucesso junto as mulheres e o temor entre os homens.”

E nessa discursividade inversa entra, na maioria dos casos, uma associação às fronteiras: nelas ou por elas. Talvez pelo discurso levado aos quatro cantos pela mídia obsequiosa pelos índices de audiência, onde as fronteiras não raramente são divulgadas mais como espaços de inquietude e sensação de ausência do Estado. Ou mesmo inquietude pela/na presença do aparato estatal, já que não raramente uma abordagem de fiscalização e segurança nas fronteiras traz desconforto a qualquer cidadão.

Por conseguinte, há um contraponto nas territorialidades do Estado e estado paralelo, mediados pela mídia, gerando um clima de instabilidade e insegurança que predomina nas regiões de fronteira. Trata-se de algumas regiões de uma tessitura geográfica maior, conforme Waiselfisz (2008), dos dez municípios mais violentos do país, somente três encontram-se em região de fronteira internacional, com apenas um no Mato Grosso do Sul: Coronel Sapucaia/MS.

Ainda de acordo com Waiselfisz (2008), o problema não é a fronteira em si, mas os níveis de desenvolvimento diferenciados existentes em uma mesma região e que nem sempre é analisado e discutido com propriedade.

Contudo, nesse fenômeno de forma preocupante, mesmo em plena globalização, onde a livre circulação é posta como característica, diariamente ouvintes, leitores e telespectadores dos meios de imprensa são bombardeados com informações nefastas sobre as fronteiras em detrimento de discursos integradores e que destaquem a riqueza desses subespaços. E a “geografia escolar” assiste quase inerte a essas práticas!

Waiselfisz (2008), ressalta também que o problema não é a fronteira em si, mas os níveis de desenvolvimento diferenciados existentes em uma mesma região. O que nem sempre é analisado e discutido com propriedade teórica ou empírica.

Assim, observa-se que as fronteiras de modo geral representam uma complexidade de relações que precisam ser melhor compreendidas, não somente do ponto de vista escolar, mas também de gestão territorial já que são considerados espaços estratégicos. Também porque abrigam processos e trocas: comerciais, culturais, enfim, uma série de interações que precisam ser desveladas e revisitadas no discurso midiático e educacional.

A concepção de fronteira e sua relação com o fenômeno da violência: perspectiva e (in)ação dos professores de Geografia no ensino médio

A partir do entendimento sobre a importância dessa temática e sua inerência ao fazer da Geografia, bem como da clareza conceitual sobre os termos fronteira e violência, foi realizada uma pesquisa de campo, com entrevistas genéricas, para uma avaliação sobre como esse debate está repercutindo ou sendo tratado pelos professores de geografia do ensino médio na rede pública, tendo

como área de abordagem os municípios de Jardim, Bela Vista, Porto Murtinho, Guia Lopes da Laguna e Campo Grande, para o que se obteve os seguintes resultados:

- 65% dos professores entrevistados disseram que o tema Fronteira é contemplado nos livros didáticos;
- Contrariamente, 35% que afirmaram que o tema não é trabalhado nos referenciais didáticos da rede estadual;
- 60% do corpo docente afirmou que o tema fronteira não faz parte das discussões nem mesmo dos temas transversais;
- 40% do corpo docente afirmou que esse tema é contemplado nos “temas transversais”;
- 90% dos entrevistados responderam que o tema fronteira é inerente ao campo de estudos e debates da geografia;
- 10% afirmaram não entender como uma especificidade temática da geografia no ensino médio, com um aspecto interessante, pois 35% dos entrevistados são nascidos em regiões fronteiriças;
- Apesar de 90% dos professores afirmarem que o tema é inerente ao campo da geografia, somente 25% dos mesmos participou de algum evento referente ao tema, justificando o não engajamento por falta de tempo disponível para esse debate ou participação em eventos ligados a essa temática.
- Também é algo de destaque o entendimento dos docentes entrevistados sobre o tema, posto que 90% afirmaram que os espaços fronteiriços são e devem ser tratados como diferenciados, resultando num contrassenso se consideramos respostas anteriores.
- 65% dos entrevistados acreditam que os habitantes das regiões fronteiriças são tratados de forma diferente, o que sugere certa carga pré-conceitual para com os memos;
- Outro ponto a ser considerado e que reforça o alcance do discurso midiático sobre as fronteiras é o fato de que para 95% dos entrevistados os espaços fronteiriços facilitam a prática de ilícitos e criminalidade;
- 55% dos entrevistados afirmaram que seus alunos de origem ou residentes em áreas fronteiriças não se colocam como fronteiriços, negando, conscientemente ou não, a sua condição identitária;
- Um dado extremamente importante é o de que para 85% dos docentes entrevistados é preciso que se crie uma proposta de educação diferenciada para os espaços fronteiriços, sobretudo os conturbados, apesar da quase ausência desse debate na geografia escolar.



Outros elementos devem ser incorporados na análise em questão, como o livro de geografia adotado pela rede estadual e distribuído para todas as escolas desse sistema não contemplar a temática em questão. Outro ponto, os projetos pedagógicos das escolas, principalmente as localizadas em fronteiras, deveriam incorporar de forma ampla esse debate, ainda que sobre a forma de temas transversais.

Considerações finais

Diante do que foi exposto, acredita-se que para desconstruir a imagem de fronteira como *locus* de violência, como está posto no cotidiano sul-mato-grossense, incorporando outros componentes regionais no discurso midiático sobre as fronteiras. Para tal propositura e enfrentamento é preciso que Geografia cumpra o seu papel enquanto disciplina escolar, sobretudo no Mato Grosso do Sul, uma vez que esse estado tem uma expressiva faixa de fronteira com a Bolívia e o Paraguai.

Neste sentido, é necessário que os gestores de educação da rede estadual implementem ações e projetos para fomentar o debate sobre as fronteiras tendo como ponto de partida um denominador: fronteiras são espaços/regiões complexas, onde, tanto quanto em outros lugares há um misto de licitudes/ilicitudes estão, mas, acima de tudo, o Estado, através do ensino formal, não pode legitimar ou acentuar as geografias exaltadas pela mídia e/ou discursos tendenciados em prejuízo da imagem deste ou daquele lugar, como tem ocorrido no caso das fronteiras. Defende-se, portanto, a irrefutável e premente tarefa à geografia enquanto ciência e/ou disciplina escolar: contribuir para o melhor entendimento desses subespaços como recortes plurais e de cotidianidade rica, porém complexa.

Referências Bibliográficas

ABIDES – Associação Brasileira de Integração e Desenvolvimento. **Fronteira**: Brasil/Paraguai. Disponível em: <http://abides.org.br/fronteira>. Acesso em: 27/8/2011.

ALBUQUERQUE, Junior. **Algumas Reflexões em Torno do Conceito de Fronteiras**, São Paulo, 2006.



EDIÇÃO Nº 19 JANEIRO DE 2017
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 20/10/2016
ARTIGO APROVADO ATÉ 20/12/2016

BUARQUE, S. de H. **Caminhos e Fronteira**, São Paulo, Perspectiva, 1999.

CHIMENEZ, Alexander. **A violência na fronteira Brasil-Paraguai e seus reflexos na paisagem urbana: O Caso de Bela Vista**. Monografia de Graduação. Curso de Licenciatura em Geografia. Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. 2010.

COSTA, M. R. da. **A Violência Urbana é Particularidade da Sociedade Brasileira? Revista da Fundação SEADE**. São Paulo, 1999.

DIÓGENES, G. **Cartografias da cultura e da violência: ganguês, galeras e o movimento Hip Hop**. São Paulo, 1998.

MACHADO, L. O. **Limites e Fronteiras: Da Alta Diplomacia aos Circuitos da Ilegalidade**. In: <http://acd.ufrj.br/gruporetis/pesquisa/fronteira/p02pub02.htm>, acessado em 17/07/2011

MARTIN, A. R. **Fronteiras e nações**. São Paulo: Contexto, 1992.

MICHAUD, Y. **A violência**. São Paulo: Ática, 1989.

MIYAMOTO, S. **Geopolítica e poder no Brasil**. Campinas/SP: Papirus, 1995.

OLIVEIRA, T. C. M. **Uma fronteira para o por do Sol**. Campo Grande: Editora UFMS, 1998.

VELHO, G. **Cidadania e Violência**. 2ª ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.

WASELFISZ, J. J. **Mapa da violência dos Municípios brasileiros**. 2008. In http://www.mapadaviolencia.org.br/publicacoes/Mapa_2008_municipios.pdf acessado em 14 de junho de 2013